

memória **CULT**

Ouro Preto - MG - Brasil - Ano VI - nº20 - novembro de 2016



A escultura religiosa no Vale do Piranga, nos séculos XVII e XIX
por Adriano Ramos e Angela Gutierrez

Inhotim - 10 anos

Entrevista:
Emanuel Carneiro

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA. CADA VEZ MAIS PRESENTE NA SUA VIDA.

A Assembleia está presente no dia a dia dos mineiros de diversas formas, sempre preparada para ouvir suas necessidades e propor soluções. Por isso, foram criadas várias maneiras de manter você bem informado e pronto para opinar. Conheça o Portal da Assembleia, baixe o aplicativo, acompanhe pelas redes sociais, participe dos debates e audiências públicas que acontecem na sua cidade e fique ligado na TV Assembleia. Juntos vamos construir uma Minas melhor.

www.almg.gov.br



Saiba no Portal da Assembleia qual é o canal da TV Assembleia na sua cidade: almg.gov.br/tv
Em BH: TV a cabo: 11 | TV aberta: 61,2 (digital) ou 35 (analógico)

memoriacult.com

A sua revista de cultura agora na internet. Veja artigos veiculados nas edições impressas em atualizações constantes. Para acompanhar, curta a página da revista no Facebook ou envie um e-mail para memoriacult@gmail.com colocando em assunto: "CADASTRO". Assim, você também poderá acompanhar as novidades da revista mediante aviso por e-mail.

Curta nossa página
facebook.com/MemoriaCult



Ufa! Mais uma Memória CULT chega aos leitores! Com muito esforço para viabilizar a edição que, como muitas anteriores, é deficitária. Esforço também dos nossos colaboradores que se desdobram em seus afazeres a fim de atender nossas solicitações de artigos, como sempre, excelentes.

Este número 20, o terceiro após a inserção da memóriacult.com na web, é o último deste ano de 2016 e, também como acontece no país e no mundo, pode se tornar um divisor de novas tendências no caso, entre o impresso e o virtual.

Dai porque solicitamos aos caros leitores seus endereços de e-mail a fim de que sejam avisados sobre as edições futuras, conforme anúncio na página anterior.

Nesta, contamos com a entrevista de Emanuel Carneiro, responsável pelo gigante das comunicações em Minas, o Sistema Itatiaia, que busca, na história das origens do rádio, os fundamentos que norteiam o presente e futuro da “Rádio de Minas”.

Os 10 anos do Inhotim, sonho sonhado e realizado pelo seu idealizador e mecenas Bernardo Paz, um gênio acima de seu tempo, são mostrados em poucas páginas – que poderiam ser infinitas – na edição impressa e aumentadas na versão web.

Angela Gutierrez, criadora do Museu se associa a Adriano Ramos no importante artigo Esculturas religiosas no Vale do Piranga nos séculos XVII e XIX.

Comemorando o Dia do Barroco, a Carta Pastoral do Episcopado Mineiro, de 1926, é um marco na valorização do patrimônio artístico mineiro.

O Instituto Cultural Amílcar Martins (ICAM) não apresenta resenha de livro raro, mas sim notícia sua valiosa premiação.

O discurso de Péricles, no texto do Juiz Bruno Terra Dias, ainda mais acrescenta reflexão e cultura a esta edição.

Santos Dumont, o personagem e a cidade de seu nome são exaltados em artigo do Jornalista Manoel Hygino dos Santos.

O professor Castor Cartele, seu estudioso maior, discorre sobre Perter Lund, que descobriu a dimensão pré-histórica de Minas.

Zé Pereira dos Lacaios, ensaio do historiador e artista plástico, José Efigênio Pinto Coelho, conjuga com a capa, de sua autoria, a conexão histórica dos blocos ouro-pretano do passado e presente.

Tudo história e cultura, para a sua apreciação.



Eugênio Ferraz

Diretor Executivo e Editor Geral da Memória CULT

Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do IHGMG. Servidor do Ministério da Fazenda desde 1974, foi seu Superintendente em MG de 1998 a 2011 e, a seguir, Diretor-Geral da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais

Sumário

Fotografia: Pedro Motta



09 **Inhotim - 10 anos**
Editoria

04 **Página do Artista**
José Efigênio Pinto Coelho

05 **Emanuel Carneiro**
Entrevista por Petrônio Souza

09 **Dia do Barroco Mineiro**
Editoria

Fotografia: Cláudio Lopes



16 **A escultura religiosa no Vale do Piranga**
por Adriano Ramos e Angela Gutierrez

14 **O ICAM agora é parte da Memória do Mundo da UNESCO**

21 **O discurso de Péricles**
por Bruno Terra Dias

23 **Santos Dumont Terra do Pai da Aviação, do queijo do reino e da cultura**
por Manoel Hygino dos Santos

28 **Quem foi Peter W. Lund?**
por Castor Cartele

31 **Zé Pereira dos Lacaiois - 150 anos**
por José Efigênio Pinto Coelho



Espaço do leitor

Agradecemos o envio de críticas, sugestões e comentários para o aprimoramento desta revista: memoriacult@gmail.com. A Memória **CULT** poderá editar manifestações de leitores selecionadas para publicação, não necessariamente na edição subsequente.

Muito obrigado pelo envio da excelente Memória Cult, edição de setembro. Parabéns pelo zelo e pela qualidade editorial, visível nos textos e nas fotos.

A entrevista com o Desembargador José Fernandes está ótima, e a história da farinha pobre no sertão de Minas, de autoria do Desembargador J. Afranio Vilela, é leitura saborosa. Vida longa à Memória CULT!

Rogério Faria Tavares

Jornalista, membro da Academia Mineira de Letras

Prezado Eugênio:

Acompanho seu trabalho cultural com o maior interesse.

Agradeço-lhe, mais uma vez a remessa de revistas que me trazem alegria e informações preciosas.

Nesta Memória CULT encontro trabalhos interessantes que me ajudam a repensar Minas e acrescentar valores à nossa terra.

Yeda Prates Bernis

Escritora, membro da Academia Mineira de Letras

ÚLTIMA EDIÇÃO



O número 19, da Memória **CULT**, entre outros assuntos, trouxe a preservação do patrimônio arquivístico do Vale do Jequitinhonha: Minas Novas e Diamantina, pelos professores Ana Cristina Pereira Lage; Angelo Alves Carrara e Marcelo Fagundes

EXPEDIENTE **memória CULT**

Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil - ano VI - nº20 - novembro de 2016

Diretor Executivo e Editor Geral | Eugênio Ferraz - Reg.: 8.172-MG

Editor | Petrônio Souza - Reg.: 7.124-MG

Projeto Gráfico | Raphael Simões

Revisão Ortográfica | Acácio Cândido da Silveira Santos

Foto da capa | José Efigênio Pinto Coelho

As manifestações expressas em artigos são de inteira responsabilidade dos respectivos autores e não refletem, necessariamente, a opinião da publicação.



Artista da capa

Fotografias: acervo do artista



José Efigênio Pinto Coelho

Natural de Ouro Preto, MG, 1953. Casado, pai de três filhos. Artista Plástico e Escritor. Iniciou seus estudos na Fundação de Artes de Ouro Preto, 1969 a 1975. Especialização em Restauração e Conservação na Escola de Belas Artes, UFMG. Graduação Estudos Sociais, PUC MG. Bacharel em Filosofia, UFOP.

Passou a infância no Rio de Janeiro, 1955 a 1962. Morou em Belo Horizonte, 1977 a 1983 e Pará de Minas. Viajou ao Sul do Brasil, chegando a Assunção no Paraguai, 1974. Passou nove meses na cidade de Cuzco, Peru, 1976 e viajou pela Bolívia. Viagem a Europa- Portugal, Espanha e França. Fez o caminho de Santiago de Compostela, 2006. Retornou a Europa – França, Portugal, Alemanha, Bélgica e Holanda, 2011. Viagem de dois meses ao México, 2016.

Pintor e desenhista desde criança, fez inúmeras exposições, ilustrou e escreveu para o Suplemento Literário do Minas Gerais. Estudioso do Barroco Mineiro. Colabora como escritor para revistas e jornais. Publicou vários livros entre os quais: A Mudança da Capital, Nossa Senhora do Pilar um Culto Emboaba, O Voo da Tartaruga, José de Ali babá e o Comando Vermelho, Trem de Mineiro, Álbum de Desenhos: Aleijadinho, Anjos e Arcanjos. É membro da Academia Ouro-pretana de Letras.

Reside em Ouro Preto e tem um Atelier na Floresta da Caieira.





Emanuel Carneiro e a “Rádio de Minas”

por Petrônio Souza*

Fotografia: Petrônio Souza



Comunicador por excelência, Emanuel Carneiro se destaca no Brasil como uma das maiores referências na radiodifusão. Ex-presidente da ABERT, com seu jeito simples e afável, concedeu, à Memória CULT, a entrevista em uma manhã chuvosa na capital mineira.

O rádio é uma tradição entre os Carneiros. Talvez vocês sejam a família mais expressiva da radiodifusão em nosso Estado. Como começou essa história entre os Carneiros e como foi o seu primeiro contato com o Rádio?

A Itatiaia foi fundada pelo Januário Carneiro em 1952. Ele já era locutor esportivo, editor de esportes do jornal O Diário, e tinha 23 anos na época, sendo 16 anos mais velho que eu. O Januário trabalhava também como correspondente em Belo Horizonte da Rádio Continental, do Rio de Janeiro. Foi quando surgiu a oportunidade de comprar uma emissora pequenininha, em Nova Lima, com 100 watts de potência. Ali ele foi ganhando espaço, trouxe os estúdios para Belo Horizonte, os transmissores para os limites de Nova Lima com Belo Horizonte, próximo onde é hoje o BH Shopping. Como nosso pai faleceu muito cedo e o Januário era também meu padrinho, começou a me levar para essa convivência com o rádio, indo aos jogos de

futebol, às entrevistas em estúdio, e comecei a trabalhar na emissora como office boy, eu tinha 13 anos de idade. Fazia aquele trabalho burocrático, o que foi, verdadeiramente, uma grande escola. Então, puder entender toda aquela dinâmica, toda aquela cadeia que envolve a produção de uma emissora de rádio. Fiz plantão esportivo, fui discotecário, parte artística, rádio escuta. Foi o início de tudo.

Então essa experiência inicial de office boy culminando com a direção da Itatiaia lhe dá uma compreensão do todo, ou seja, de como funciona os vários departamentos de um emissora de rádio.

Sem dúvida! Isso é uma base para a vida toda. O Januário tinha uma paciência muito grande para ensinar e formar um verdadeiro profissional do rádio. Então essa passagem pelos departamentos me dá uma grande compreensão do todo. Lembro que nessa época a Itatiaia tinha uma equipe pequena, incipiente, sem corpo artístico, sem auditório, radionovelas. Era um formato de rádio diferente



“nós vendemos espaço, não vendemos opinião”.

“No rádio e na TV vemos as grandes mudanças mundiais desses últimos anos. [...] Quantas mídias já ficaram para trás? Mas o que vai fazer a diferença é o conteúdo.”

que estava chegando, com base na informação, nas notícias. De forma quase pioneira, esse formato entrou no coração da população, e agora colhemos os frutos desse contato direto como o ouvinte. Por exemplo, quando localizamos uma criança que foi levada junto do carro roubado por que estava dormindo no banco detrás do veículo, ou quando localizamos uma cachorrinha perdida na região da Serra com determinada característica, ah... não tem nada que compense essa alegria, essa satisfação, diria até emoção. Acho que são nesses momentos que o rádio completa, plenamente, a sua missão.

Que propriedade tinha o Januário que marcou com tanta força a radio-difusão mineira e brasileira?

O Januário pronunciou, no primeiro dia de transmissão da Itatiaia, dia 20 de janeiro de 1952, uma frase que ficou marcada: “A Itatiaia está começando: nós vendemos espaço, não vendemos opinião”. Então ele criou ao redor da Itatiaia valores da independência. Ele era muito observador, tinha grande paixão pelo jornalismo, pelo esporte. Isso tudo estruturou a emissora e sua história. O slogan da Itatiaia naquela época era de “A porta voz dos acontecimentos”. Tudo isso fez com que a população percebesse que havia algo de novo no rádio mineiro, pois as outras emissoras, que eram grandes emissoras, entre elas a Inconfidência, ligada ao governo; a Guarani e a rádio Mineira pertenciam ao Chateaubriand, aos Diários Associados. A Itatiaia foi a quarta emissora a entrar no ar. Então a Itatiaia começou com liberdade para fazer diferente. Veja bem, naquela época havia o campeonato mineiro dos aspirantes, que eram os jogadores que não eram titulares em seus clubes. Esses jogos revelavam aqueles que poderiam se tornar titulares em seus times. Então o público queria saber quem poderia atuar em seus clubes. A Itatiaia começou a transmitir esses jogos, cobrindo também o voleibol, basquete, atletismo, o que era uma grande novidade. Então íamos em busca dos assuntos que fugiam da programação das demais emissoras, mas que tinham apelo popular. Isso se desdobrou em programas de esporte, em jornalismo com essas notícias. Mas tudo dentro da limitação de transmissão da Itatiaia. Foi quando surgiu a brincadeira de que “a Itatiaia falava para o centro e cochichava para os bairros”. E aí a Itatiaia foi aos poucos aumentando a potência, mudando sua frequência, até que no final da década de 1950 ela passou a ter, além do reconhecimento, as primeiras posições no dial. Vale lembrar que isso foi fruto de muito trabalho e de muita superação, além de grandes coberturas nacionais e internacionais, como a Semana Santa em Roma e em Jerusalém, a entrevista com Fidel Castro em Havana logo após a vitória da revolução cubana, a posse do John Kennedy em Washington, a entrevista do Osvaldo Faria com o Caryl Chessman, o lendário Bandido da Luz Vermelha. Isso tudo nos deu além de audiência, anunciantes.

Sempre em busca do novo, fazíamos transmissão de julgamentos em foros, de enquetes em eleições e as coberturas de eleições, as investigações dos grandes crimes. Era um renovar diário na Itatiaia.

**O Senhor foi presidente da ABERT – Associação Brasileira de Emisso-
ras de Rádio e Televisão. Como foi essa experiência? E qual é o futuro do
rádio e do jornalismo em tempos de internet?**

Eu fui o primeiro mineiro presidente da ABERT. O Januário era para ter sido, mas ele adoeceu na época. Foi com grande honra e satisfação que administramos essa entidade fundada em 1962. Ela nasceu da necessidade dos radiodifusores somarem forças para enfrentar o governo de João Goulart, que tinha um lado de esquerda muito acentuado e ideias de estatizar emissoras, cassar concessões, entre outras ideias que vigoravam na época. Assim nasceu a ABERT e desde então ela vem nessa defesa da liberdade de imprensa, de um rádio livre, tendo como fonte de receita o anunciante. Durante esses anos todos a ABERT vem defendendo a comunicação como um todo, passando também pelo período militar. Eu já pertencia a diretoria da ABERT e em 2010 fui convidado para assumir a presidência da entidade. Sabendo dos grandes desafios da ABERT, relutei em um primeiro momento, pensando que tenho que tocar a Itatiaia, o programa diário que apresento nela, entre tantos outros afazeres e compromissos. Mas foi um período de dar andamento às causas da ABERT, marcadas pela seriedade da entidade, com viagens e eventos por várias regiões do Brasil. Vale lembrar que nosso rádio e nossa TV são de primeiro mundo e isso se retrata na audiência dos nossos veículos. No rádio e na TV vemos as grandes mudanças mundiais desses últimos anos. Veja essa mudança da máquina de escrever e do telefax para o mundo virtual de hoje. Veja o celular, a TV a cabo, tudo isso em menos de uma década. Quantas mídias já ficaram para trás? Mas o que vai fazer a diferença é o conteúdo. O ouvinte quer uma informação completa. O jornalismo precisa hoje dar a notícia, explicar a notícia, e dizer ao ouvinte o que aquela novidade implica em sua vida. Hoje a Itatiaia está no ar com o helicóptero para dar a informação do trânsito imediatamente. Estive agora em Cuba, em novembro, e ouvia a Itatiaia quando queria. Isso tudo chegou atropelando, mudando uma mentalidade, a forma de fazer. Isso tudo não é o futuro, é o presente, é agora.

A Itatiaia é um orgulho para Minas Gerais, pois ela não é ligada a nenhum grupo religioso, político ou empresarial. Como é administrar esse poderio e manter a independência?

Hoje, por um fato ocorrido há alguns anos, no governo Sarney, que tinha como ministro das Comunicações o Antônio Carlos Magalhães, havia o desejo do presidente de esticar o seu mandato. O Ministério das Comunicações começou a distribuir concessões de rádio e TV para políticos, pastores, igrejas e isso poluiu o meio rádio, que passou a ter novos grupos, sem história e sem know-how. Hoje você gira o dial e se depara com pastores pedindo doações para manter um programa no ar. Isso não existia e acabou refletindo e levando à extinção emissoras da maior importância para o país, como rádio Mundial, a Mayrink Veiga, a rádio Jornal do Brasil, entre tantas outras. No momento estamos aguardando a migração do AM para o FM, que já está em curso. De uma certa forma, isso será a redenção do AM, com um som muito melhor e sem interferência. Estamos juntos com a ABERT cobrando a flexibilização da Voz do Brasil, que é um benefício direto para o ouvinte, pois as notícias da Voz já foram dadas ao longo do dia. Essa flexibilização vai permitir, por exemplo, fazer a transmissão de jogos que hoje acontecem às 19h30, além de uma super cobertura do trânsito.

A Itatiaia tem uma grande bancada de políticos eleitos, tendo sempre profissionais seus em câmaras e assembleia. Como se dá esse processo aqui na emissora.

“E aí a Itatiaia foi aos poucos aumentando a potência, mudando sua frequência, até que no final da década de 1950 ela passou a ter, além do reconhecimento, as primeiras posições no dial.”

*Seja de
madrugada
ou durante o
dia, a Itatiaia
está no ar, ela
não dorme,
para justificar
o retorno ao
que o ouvinte
nos dá. Esse
é o nosso
compromisso,
sempre
preservando
nossa
liberdade e
independência.*

Bom, a Itatiaia não intervém em nada nessa situação. Tem emissoras que proibem seus profissionais de serem candidatos, como foi o caso de um apresentador nosso que fazia um programa em outro veículo e teve que sair de lá para ser candidato. Aqui não temos isso. Temos um respeito profundo aos nossos profissionais e cumprimos rigorosamente a legislação. Aqui temos o Mário Henrique que está aí no ar e já está em seu segundo mandato. O Laudívio Carvalho deixou a emissora porque foi morar e trabalhar em Brasília. Não há essa conduta da diretoria da Itatiaia tirar do ar esse ou aquele comunicador, porque o grande diretor da emissora é aquele que está ocupando o microfone em determinado momento. Digo isso porque ele é a voz da emissora, é o elo entre o ouvinte e o veículo de comunicação. O que ele falar de certo ou errado tem uma repercussão tremenda. O comunicador da emissora tem todo nosso respeito e reconhecimento. Por isso o Ibope nos dá em pesquisa de outubro dois milhões, quinhentos e cinquenta mil ouvintes diferentes a cada 30 dias. Isso é uma audiência espantosa, recorde. Nos dá também uma responsabilidade gigantesca. Tudo que vai ao ar tem que ser pensado, apurado, checado, a todo o instante. Seja de madrugada ou durante o dia, a Itatiaia está no ar, ela não dorme, para justificar o retorno ao que o ouvinte nos dá. Esse é o nosso compromisso, sempre preservando nossa liberdade e independência. Enfrentamos a censura tirando as matérias do ar, não os jornalistas. Isso nunca fizemos. Censura a seus profissionais nunca ocorreu aqui. Fazemos um rádio livre, criterioso, sério, mas sabemos o quanto nos custou essa liberdade de agora. Nossa credibilidade é fruto disso.

Como é a estrutura atual da Itatiaia?

A Itatiaia criou, ao longo desses anos todos, uma rede de emissoras que retransmitem sua programação. Hoje somamos 70 emissoras repetidoras que, de uma certa forma, une Minas Gerais, levando notícias das várias regiões de Minas a todos os cantos do Estado. Além disso, mantemos emissoras próprias em cidades polo de Minas, como Juiz de Fora, Ipatinga, Montes Claros, Varginha, Ouro Preto, entre outras. Temos também um departamento de promoção, que se chama Itatiaia no Ponto, que fez agora uma parceria com o Itatiaia Rádio Bar. O bar não é da Itatiaia, mas temos parceria no nome, e ali fazemos lançamentos de livros, realizamos entrevistas coletivas e especiais, com resultado muito positivo. Temos o site também, com acesso mundial. Assim vamos seguindo sempre repensando e reformulando, tendo como missão manter o rádio com sua relevância, com sua importância, como sempre foi na vida do brasileiro. O problema da radiodifusão ser morosa no Brasil é o perfil dos seus ministros das Comunicações, cargo sempre exercido por políticos e não por profissionais do meio. Isso é lamentável. Apenas mais um retrato do Brasil. Lembro de um economista falando da atual situação que vivemos em entrevista, ponderando que o Brasil não está crescendo ou decrescendo, ele está confuso. Veja isso hoje, dia 24 de novembro, um país com todos os problemas e o centro das discussões é um prédio em Salvador. Veja a que ponto que chegamos, todos esses problemas e a gente falando de um prédio! Devemos olhar para dentro do Brasil e repensar esse país que é bem maior que um edifício. E essa discussão, esse debate, só será feito com liberdade de expressão e pensamento, e isso passa também pelo rádio.

***Jornalista**

Dia do Barroco Mineiro exalta o patrimônio artístico de Minas

A Secretaria de Estado da Cultura, em conjunto com a Comissão de Cultura, lançou, na Assembleia Legislativa, a reedição da “Carta Pastoral do Episcopado Mineiro sobre o Patrimônio Artístico” que, publicada em 1926, versa sobre a proteção, preservação e conservação do patrimônio cultural eclesiástico de Minas Gerais sob a guarda da Igreja Católica.

Para o secretário de Estado de Cultura, Angelo Oswaldo, a iniciativa rende uma homenagem aos pioneiros que iluminaram o difícil caminho que nos leva à compreensão de que patrimônio cultural é patrimônio público. “É a herança do povo a ser transmitida, sempre, e jamais dizimada pelos que não respeitem o que traz a marca inapagável de bem comum, coisa e causas públicas”.

Fotografia: Petrônio Souza



O lançamento aconteceu no Salão Nobre da Assembleia Legislativa de Minas Gerais, com as presenças: do representante da Fundação de Arte Sacra da Arquidiocese de Mariana, Roque Camêllo; do diretor-geral da então Imprensa Oficial, Eugênio Ferraz; do secretário de Estado de Cultura, Angelo Oswaldo; do presidente da Comissão de Cultura da ALMG, deputado Bosco; o padre da Comissão dos Bens Culturais da CNBB de Minas Gerais e Espírito Santo, João Batista Miguel; do Promotor Coordenador das Promotorias de Patrimônio Cultural e Turístico de Minas Gerais, Marcos Paulo de Souza Miranda e do juiz de Direito e representante do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, Bruno Terra Dias.



INHOTIM - 10 ANOS

No intervalo de seis anos de criação desta MemóriaCult, que está no número vinte, muita coisa mudou. O mundo mudou na direta proporção da velocidade atual que se verifica na informática. Conceitos tem mudado, a sociedade avança e a cultura se transforma e se transmuda, com novos olhares, novos lugares.

Assim, a entrevista de capa do número inaugural da MemóriaCult, com Bernardo Paz e seu Inhotim, também tem sua atualização relativa aos 10 anos de criação de uma das mais fantásticas obras culturais do mundo que, a exemplo deste, muda, se transforma, se atualiza, se projeta e cresce exponencialmente, elevando o lugar, misto de jardim botânico e museu, ao topo das grandes obras dignas de gênios arrojados e à frente de seu tempo.

Milhões de pessoas já visitaram o local, a educação ambiental se multiplicou, a qualidade de vida no entorno também floresceu, os pavilhões surgem sempre alcançando o universo da surpresa, do inusitado, do esplendido, do inesperado. As pessoas param, pensam, refletem, se extasiam com o que veem diante de seus e ao redor.

Estupendo, fascinante, incrível, dentre outros adjetivos, são os mais ouvidos.

“São galerias feitas especificamente para determinadas obras, espaços abertos para os artistas escolherem para ali colocarem obra antiga ou criada especificamente para aquele entorno, tudo propiciando diálogos interessantes e condições de exposição das obras de uma maneira extremamente individualizada”, disse, à época, Bernardo Paz.

Neste 2016, em que se comemoram seus 10 anos, Inhotim, com todas suas vertentes culturais, se amplia cada vez mais, ao mesmo tempo em que se torna palco de memoráveis apresentações artísticas naquele singular e tão plural ambiente que contextualiza as artes contemporâneas, abrigando diferentes manifestações culturais de todo o planeta. Que seu exemplo se multiplique. Parabéns Inhotim!

Situado em Brumadinho, a 60 km de Belo Horizonte (MG), o Instituto Inhotim é um Centro de Arte Contemporânea e Jardim Botânico. Possui uma área de 140 ha de visitação composta de fragmentos florestais e jardins, com uma extensa coleção de espécies tropicais raras, onde estão instaladas obras de arte contemporânea de relevância internacional.

Idealizado pelo empresário mineiro Bernardo Paz, personalidade à frente do seu tempo, o Inhotim foi aberto ao público em 2006 e tem forte compromisso com o desenvolvimento da comunidade na qual está inserido. O Instituto participa ativamente da formulação de políticas para a melhoria da qualidade de vida na região, seja em parceria com o poder público ou com o setor privado, seja em atuações independentes.

No ano de 2010, o primeiro número da Memória CULT, teve como entrevistado o acessionário fundador do Inhotim. De lá pra cá, o crescimento, tanto de obras, quanto de visitas, cresceu expressivamente.

A estrutura e a organização do espaço garantem um lugar único, acentuando, cada vez mais, a sua singularidade ao mesmo tempo tão plural. Além de romper com a arquitetura e o modo de exposição e visitação associados aos museus convencionais, o Instituto oferece aos visitantes a oportunidade da fruição, aproximando obras de arte e circuitos ambientais. Mais de 2 milhões de pessoas já visitaram esse lugar singular, um dos principais destinos turísticos e culturais do Brasil.

Arte Contemporânea

Pinturas, esculturas, desenhos, fotografias, vídeos e instalações de mais de 100 renomados artistas brasileiros e estrangeiros, de 30 diferentes países, formam a coleção do Instituto Inhotim. De um acervo com cerca de 1.300 obras, 700 trabalhos encontram-se em exposição atualmente. Produzidos nacional e internacionalmente desde os anos 1960 até os dias atuais, estão dispostos ao ar livre no Jardim Botânico do Inhotim ou exibidos em galerias.

As galerias permanentes apresentam obras de Tunga, Cildo Meireles, Miguel Rio Branco, Hélio Oiticica & Neville d'Almeida, Adriana Varejão, Doris Salcedo, Victor Grippo, Matthew Barney, Rivane Neuenschwander, Valeska Soares, Doug Aitken, Marilá Dardot, Lygia Pape, Carlos Garaicoa, Carroll Dunham, Cristina Iglesias, William Kentridge e Claudia Andujar.

Fotografia: Daniela Paoliello



Doug Aitken Sonic Pavilion

Fotografia: Eduardo Eckenfels



Beam Drop

Fotografia: Pedro Motta



Galeria Miguel Rio Branco

Fotografia: William Gomes



Fissura (da Série Mapas) (2011)

Sara R.





Fotografia: Rossana Magri

Jardins



Fotografia: Daniela Paolillo

Doug Aitken Sonic Pavilion



Fotografia: Rossana Magri

Hugo França - Bancos

Jardim Botânico

O Instituto Inhotim está inserido em uma relevante porção florestal remanescente de Mata Atlântica e Cerrado – dois dos biomas mais ricos em biodiversidade e, ao mesmo tempo, ameaçados do planeta, considerados hotspots mundiais.

Em meados da década de 1980, iniciaram-se as obras paisagísticas dos exuberantes jardins que futuramente viriam formar o Instituto Inhotim.

Em 2010, a expressiva coleção do Instituto permitiu o reconhecimento deste como Jardim Botânico com uma coleção botânica. Composta por aproximadamente cinco mil espécies, duas famílias se destacam: a de palmeiras (Arecaceae), com cerca de mil espécies e variedades, e a dos ímbés, antúrios e copo-de-leite (Araceae), com mais de 400 espécies e formas – consideradas uma das maiores do mundo.

Ações Educativas

Cerca de 1.500 alunos das redes particular e pública de ensino de Brumadinho e da Grande Belo Horizonte visitam o Inhotim toda semana. Os projetos educativos promovem uma série de ações para aproximar a sociedade dos valores da arte, do meio ambiente, da cidadania e da diversidade cultural.

Com a proposta de auxiliar o desenvolvimento crítico dos estudantes que visitam o Inhotim e alertar sobre a situação atual do meio ambiente, seu status de conservação ou em como a arte permeia nossas vidas, o Instituto atua em duas frentes: Arte e Educação e Educação Ambiental.

Além das parcerias com as escolas, Prefeituras e secretarias municipais e estaduais de Educação, também são oferecidas gratuitamente visitas mediadas educativas para o público em geral. Ideais para aproximar o visitante daquilo que o Parque oferece em Arte Contemporânea, Botânica e Meio Ambiente, acontecem em horários e locais preestabelecidos:

Ações sociais

A partir de 2007, o Instituto Inhotim inicia seu relacionamento e compromisso com o desenvolvimento de Brumadinho, município que integra a região metropolitana de Belo Horizonte. Constituído por uma área de 640 km² e com uma população estimada de 37.314 habitantes (IBGE, 2014), o município encontra-se dividido territorialmente em cinco distritos: Brumadinho, Aranha, Piedade do Paraopeba, São José do Paraopeba e Conceição do Itaguá. A população rural está distribuída em distritos e povoados, incluindo seis comunidades quilombolas, sendo quatro delas já reconhecidas pela Fundação Palmares, vinculada ao Ministério da Cultura.

O compromisso com o desenvolvimento social da população local deu origem à criação da Diretoria de Inclusão e Cidadania, que atua, desde 2007, em três

áreas: Música, Arte e Cultura - no Vale do Paraopeba; Desenvolvimento Territorial; e Centro Inhotim de Memória e Patrimônio (Cimp).

Um dos objetivos principais dessa diretoria é fortalecer o capital social do município com o apoio de lideranças e organizações comunitárias ou de natureza social.

Gastronomia

No Inhotim, os visitantes contam com várias opções de alimentação, que vão de lanches rápidos a pratos mais elaborados. O Restaurante Tamboril possui um ambiente agradável e integrado aos jardins e ao acervo de arte contemporânea da instituição. O cardápio é formado por um excelente e variado bufê de saladas e pratos quentes, extensa carta de vinhos, além de uma mesa de sobremesas com doces diversos.

Informações gerais

Horário de visitação: Terças, quartas, quintas e sextas-feiras, das 9h30 às 16h30 | Sábados, domingos e feriados, das 9h30 às 17h30

Localização: O Inhotim está localizado no município de Brumadinho, a 60 km de Belo Horizonte (aproximadamente 1h15 de viagem). Acesso pelo km 500 da BR-381 – sentido BH/SP.

Pode-se chegar ao Inhotim também pela BR-040 (aproximadamente 1h30 de viagem). Acesso pela BR-040 - sentido BH/Rio, na altura da entrada para o Retiro do Chalé.

Lojas: As Lojas do Inhotim, localizadas na entrada do Instituto, oferecem itens de decoração, utilitários, livros, brinquedos, peças de cerâmica, vasos, plantas e produtos da culinária típica regional, além da recém-lançada linha institucional do Parque. Em junho de 2014, o Inhotim inaugurou sua primeira loja fora do Parque, em Belo Horizonte, na região da Savassi. O espaço oferece produtos institucionais, livros, plantas e peças da Cerâmica Oti.

Entrada: Às quartas-feiras, a entrada é gratuita. Terças e quintas-feiras, R\$ 25. Sextas, sábados, domingos e feriados, R\$ 40 (meia-entrada válida para estudantes identificados, maiores de 60 anos e parceiros). Crianças de até cinco anos não pagam.

Informações:

www.inhotim.org.br | 31 3194 7300 | 31 3571 9700

Centro Educativo Burle Marx | Fotografia: Marcelo Coelho



O ICAM agora é parte da Memória do Mundo da UNESCO

Entre as várias missões da UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Ciência, a Educação e a Cultura, está a de promover a identificação e a preservação do patrimônio cultural de todo o mundo.

Para isso a organização criou dois importantes programas. O mais antigo, e mais conhecido deles, é o programa *World Heritage*, ou Patrimônio Cultural da Humanidade, destinado a identificar e proteger sítios históricos ou naturais e monumentos edificados especialmente valiosos para a humanidade. No Brasil, essa distinção já foi concedida a algumas localidades, entre as quais são especialmente caras para nós mineiros, as cidades históricas de Ouro Preto e Diamantina, Brasília e o conjunto arquitetônico da Pampulha.

Fotografias: Acervo do ICAM



Posteriormente, consciente de que grande parte da memória do mundo se encontra nas bibliotecas e nos arquivos espalhados por todo o planeta, a UNESCO criou, em 1992, o *Programa Memory of the World (Mow)*, com o mesmo objetivo de identificar, registrar e proteger acervos documentais e bibliográficos considerados importantes para a Memória do Mundo.

“A Memória do Mundo é a memória coletiva e documentada dos povos, ou seja, seu patrimônio documental, que representa boa parte do patrimônio cultural mundial”.

A concessão do Registro de Memória do Mundo é feita mediante o julgamento minucioso de comissões compostas por instituições e especialistas de alto nível.

Entre os documentos preservados com o apoio do programa encontram-se, por exemplo, a Bíblia de Gutenberg, a partitura original da 9ª sinfonia de Beethoven, a Carta de Pêro Vaz de Caminha e o Tratado de Tordesilhas.

Além de documentos como esses, fundamentais para a história de toda a humanidade, o programa busca também identificar e preservar documentos e acervos de importância fundamental para a história, a memória e a cultura dos diversos países.

No Brasil já obtiveram o registro como Memória do Mundo, documentos e acervos como a Lei Áurea de 1888 (Arquivo Nacional); a Carta da Abertura dos Portos, de 1808 (Biblioteca Nacional); os documentos originais dos Autos da Devassa da Inconfidência Mineira (Arquivo Nacional); Coleção Francisco Curt Lange de Documentos Musicais (Museu da Inconfidência-Ministério da Cultura); os arquivos pessoais de Rui Barbosa (Fundação Casa de Rui Barbosa); de Getúlio Vargas (CPDOC/FGV); de Guimarães Rosa (IEB/USP); de Machado de Assis (Academia Brasileira de Letras); o Acervo documental da Comissão Construtora da Nova Capital de Minas (Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte), colocar algo do APM./ entre outros.

Em julgamento realizado em outubro de 2016, a Coleção de obras raras da Biblioteca do ICAM foi reconhecida como parte da Memória do Mundo, passando por tanto a pertencer a esse seleto e importantíssimo grupo.

A coleção de obras raras do ICAM é o primeiro acervo bibliográfico brasileiro a ser agraciado com o título de *Memory of the World* da UNESCO.

BREVE RECUPILACAM

E SUMMARIO DAS GRAÇAS, E INDULGENCIAS, CONCEDDIAS aos Confrades da Virgem N.ª da Senhora do Rosario.



TRIUNFO
EUCCHARISTICO,
EXEMPLAR DA CHRISTANDADE LUSITANA
em pública exaltação da Fé na solemne Translação
DO DIVINISSIMO
SACRAMENTO
da Igreja da Senhora do Rosario, para hum novo Templo
DA SENHORA DO PILAR
EM
VILLA RICA,
CORTE DA CAPITANIA DAS MINAS.
Aos 24. de Mayo de 1733.
DEDICADO A SOBERANA SENHORA
DO ROSARIO
PELOS IRMÃOS PRETOS DA SUA IRMANDADE;
e a instancia dos mesmos exposto á publica noticia
Por **SIMAM FERREIRA MACHADO**
natural de Lisboa, e morador nas Minas.
LISEOA OCCIDENTAL.
NA OFFICINA DA MUSICA, DEBAIXO DA PROTECCAO
dos Patriarchas São Domingos, e São Francisco.
M. DCC. XXXIV
Com todas as licenças necessárias.

A escultura religiosa no Vale do

“O caráter anônimo, a natureza comunitária e a forma de trabalho em equipe da atividade criadora daquele período, quando à individualidade do artista se sobrepunha o objetivo mais alto da obra, constituíam fatores que, se por um lado favoreciam a permuta franca da informação técnica e estética, por outro, tornavam insubsistentes e fora de cogitação quaisquer veleidades biográficas. O mistério em torno da história pessoal dos artistas mineiros, que tem propiciado campo imaginoso a tanta polêmica, é decorrência natural daquela despreocupação com a crônica subjetiva da criação...”

Affonso Ávila

A capitania de Minas Gerais — criada em 12 de setembro de 1720, pelo desmembramento da capitania hereditária de São Paulo e Minas do Ouro —, com a efervescência aurífera e a sucessiva edificação de monumentos religiosos no decorrer dos séculos XVIII e XIX, tornou-se o centro artístico da Colônia, em um ambiente que mesclava artistas portugueses, consagrados e iniciantes, artesãos negros e indígenas, todos atuantes em variadas regiões da província. Apesar dos diversos estudos existentes, ainda há uma enorme quantidade de artefices e oficinas a serem analisados e identificados, sem entrar no mérito dos trabalhos estritamente populares produzidos em grande escala nos diferentes recantos do Estado.

Entre tantas obras artísticas criadas na capitania, vale registrar os oratórios da cidade de Santa Luzia que, parece-nos, tinham o claro propósito de serem negociados pelos seus executores para a população em geral. De caráter mais apurado no que concerne à sua composição e a seu tratamento escultórico, esses oratórios, elaborados ao gosto vigente no período rococó, foram citados pelo atento viajante oitocentista Dr. Hermann Burmeister, em seu livro *Viagem ao Brasil*, no qual relata que essas “pequenas vitrinas envernizadas estilo Renascença” eram comercializadas e enviadas a lugares distantes, como também muito procuradas por fazendeiros ricos que as adquiriam para colocá-las na sala de estar, segundo o costume da época. O naturalista alemão ainda informa que encontrou vários desses oratórios sendo oferecidos por mascates na cidade de Congonhas.



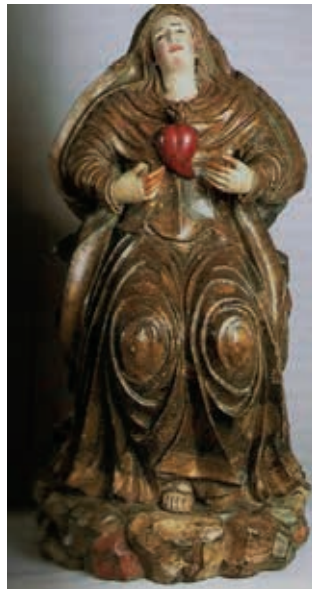
Imagem de São Miguel – Igreja de Nossa Senhora do Rosário - Piranga/MG – Mara Fantini

Piranga nos séculos XVIII e XIX

Adriano Ramos* | Angela Gutierrez**



Imagem de Nossa Senhora da Conceição – Coleção Particular – Belo Horizonte/MG - Angela Gutierrez



Nossa Senhora das Dores – Museu Regional do IPHAN – São João del-Rei/MG – Pedro David

Outro exemplo sintomático que se enquadra plenamente nesse contexto é o grupo de imagens procedentes do Vale do Piranga, região que se situa ao sul dos municípios de Ouro Preto e Mariana. Apesar de muito conhecidas e com características bastante particulares, essas esculturas ainda não foram objeto de um estudo que objetivasse a identificação dos verdadeiros responsáveis pela sua execução. Classificadas, genericamente, pelos estudiosos do assunto como obras do “Mestre de Piranga”, por não haver documentação comprobatória do artista responsável pela sua confecção e tratar-se de uma reunião de traços muito peculiares, essas imagens religiosas se espalharam por diversas localidades do Estado.

O caráter especial das esculturas é visível na disposição, sobressaindo sua força plástica, volumétrica

e rítmica. Os detalhes analisados em grande parte do conjunto permitem detectar diferenciações significativas entre as obras, seja pelas fisionomias com os característicos olhos proeminentes e estrábicos, narizes retos e especialmente afilados na ponta, seja pelo tratamento dispensado aos movimentos circulares dos panos nas mangas e, em especial, na altura dos joelhos. Apesar de indicarem mãos distintas, os resultados são vistos na força de criação imposta e que se ramificou com excepcionalidade, sugerindo a existência de um ateliê que agregou valores para atender a uma demanda razoável e que teve um grande respaldo no período.

Em muitos casos, o resultado plástico dessas obras nos remete à arte exercida no continente europeu durante a Idade Média, com sua rigidez e abstracionismo, observando-se certa ingenuidade e pureza em sua feitura. A nosso ver, as imagens do Vale do Piranga trazem a marca desses critérios de simplicidade e pureza formais, cujas imagens, produzidas com espontaneidade, aproveitaram-se dos aspectos humanos cotidianos e da livre interpretação dos artistas locais. No entanto, percebe-se claramente nessas esculturas caracteres morfológicos de maior refinamento mesclados a esses tratamentos mais rudes, que acabam por indicar a união de dois ou mais artistas em sua elaboração.

Após exaustivos estudos realizados ao longo dos anos, vemo-nos em condições de afirmar categoricamente que essa variedade de formatos, dimensões e expressões faciais observada nesse conjunto de imagens do Vale do Piranga indica, realmente, a presença de dois ou mais artífices em sua confecção. As obras das figuras femininas de maior porte — como a Nossa Senhora da

Piedade e a Nossa Senhora da Conceição, que se encontram no Museu Mineiro, em Belo Horizonte — refletem o apogeu artístico dessa escola. Nelas, observam-se, aliados ao expressionismo de maior refinamento das feições, o tratamento elíptico dos panejamentos e a solução adotada para a base em forma de rocha, no caso da Nossa Senhora da Piedade. Várias outras imagens que estão em igrejas da região enquadram-se nesses critérios, ou seja, trazem, na criação, o entalhe mais grotesco da indumentária associado à singular e inconfundível expressão das faces, obtida pelos olhos que se apresentam especialmente salientes e estrábicos, bem como pela suntuosidade dos ombros e pela volumetria dos blocos de nuvens das bases. Por outro lado, existem imagens de figuras masculinas, como o Senhor Morto, do Taquaral, e o Cristo da Cana Verde, da igreja de Nossa Senhora do Rosário de Piranga, que, mesmo mantendo algumas similaridades de traços com as imagens citadas, apresentam-se resolvidas de forma mais rude, ainda que com absoluto domínio em sua capacidade de transmitir toda a dramaticidade inerente à sua mensagem iconográfica. Ainda nesse contexto inserem-se as imagens do Anjo Adorador, que se encontra no Museu Regional de São João del-Rei, e dos dois anjos que compõem o coroamento do retábulo-mor da igreja do Santuário do Senhor Bom Jesus do Matozinhos, em Balcachau, distrito de Piranga.

Em relação ao retábulo acima mencionado, surge uma possibilidade que deve ser levada em conta, uma vez que, geralmente, o responsável pela execução desses retábulos era também o executor das suas figuras antropomorfas. E foi, comprovadamente, o português José de Meireles Pinto o entalhador que, em 1781, executou o retábulo-mor do Santuário e que conta com duas figuras esculpidas dentro do padrão das imagens atribuídas ao “Mestre de Piranga”. Posteriormente, por volta de 1799, seu filho, Antônio de Meireles Pinto, fez algumas intervenções naquele templo e manteve contatos profissionais nos hoje municípios de Rio Pomba e Dores do Turvo. Em Mercês, que também fica na Zona da Mata e próxima às cidades citadas, foi encontrada uma peça-chave para nos auxiliar na tentativa de desvendamento desse verdadeiro mistério que envolve o ateliê de Piranga. A padroeira, instalada no altar central da Igreja de Nossa Senhora das Mercês, a principal da cidade, tem todas as características do “Mestre de Piranga”, isto é, estrabismo, panejamento acentuado na altura dos ombros, cabelos em formato zigue-zague nas laterais da face e querubins com as mesmas particularidades de outros atribuídos ao escultor. Até a presente data, nenhum especialista havia relacionado essa imagem àquela escola.

Há notícias documentadas sobre José de Meireles Pinto, em 1792, na igreja de São Francisco de Assis,



*Nossa Senhora da Piedade – Museu Mineiro – Belo Horizonte/MG
Pedro David*



Imagem de Nossa Senhora da Conceição – Museu Mineiro – Belo Horizonte/MG – Pedro David



Nossa Senhora das Dores – Museu Regional do IPHAN – São João del Rei/MG – Pedro David

de Mariana, onde trabalhou juntamente com vários oficiais que, mais tarde, viriam a fazer parte da equipe responsável pelas obras na igreja do Santuário do Senhor Bom Jesus do Matozinhos, em Bacalhau. Contratado para a execução do retábulo-mor da igreja marianense, o entalhador Luiz Pinheiro muito provavelmente foi o autor do Cristo crucificado que se encontra no trono do referido retábulo. Essa elegante escultura traz, em seu perizônio, o desenho que viria a ser a marca registrada empregada em todas as esculturas de similar iconografia saídas da oficina de Piranga. Coincidentemente, Luiz Pinheiro aparece como entalhador na localidade de Piranga, em 1782, como atesta documento cível encontrado pelo Dr. Marcos Paulo de Souza Miranda, da Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural de Minas Gerais. Sabe-se que o artista, além de ter executado o retábulo-mor da igreja de São Francisco, em São João del-Rei, cujo risco comprovadamente é de autoria de Aleijadinho, trabalhou com o mesmo em 1777 na igreja das Mercês, em Ouro Preto. Presume-se, ainda, que ele também tenha atuado na concepção das figuras dos Passos, em Congonhas, sob o comando de Antônio Francisco Lisboa. A influência do mentor em sua obra é bastante visível, sobretudo nos tratamentos anatômicos, apesar das diferenças marcantes das expressões faciais.



*Imagem de Cristo
Coleção particular
São Paulo/SP
Rômulo Fialdini*



*Anjo Adorador – Museu de Regional
do IPHAN - São João del Rei
Pedro David*



*Nossa Senhora das Mercês – Igreja de
Nossa Senhora das Mercês da cidade
de Mercês/MG – Adriano Ramos*



*Cristo Crucificado, em tamanho natural,
que se encontra no nicho central do retá-
bulo-mor da igreja de São Francisco de
Assis - Mariana/MG – Eugênio Sávio*



Cristo seráfico do retábulo-mor da igreja de São Francisco de Assis - São João del-Rei/MG Cláudio Lopes

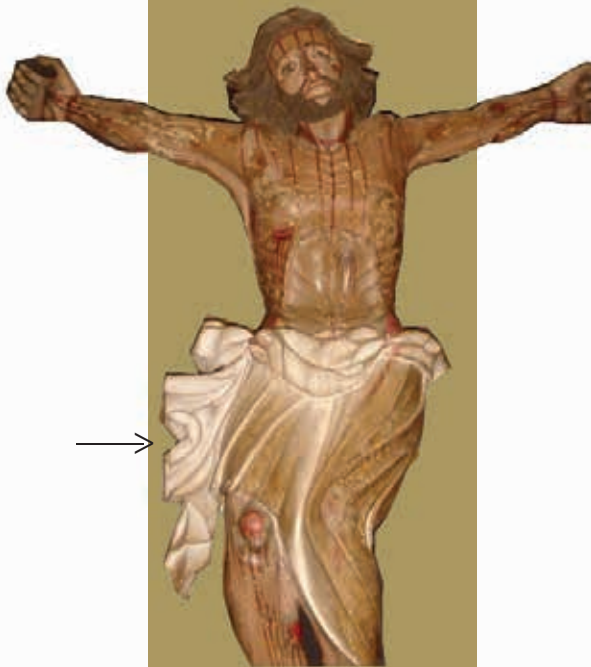


Imagem do Senhor Bom Jesus do Matozinhos do Santuário do Senhor Bom Jesus do Matozinhos do distrito de Santo Antônio de Pirapetinga (Bacalhau) – Piranga/MG - Adriano Ramos

Defendemos, portanto, a tese de que Luiz Pinheiro atuou conjuntamente com José de Meireles Pinto e Antônio de Meireles Pinto, e que essa oficina da região era comandada por esses três entalhadores. Essa atribuição ampara-se no fato de que algumas das esculturas existentes na igreja de São Francisco de Assis, em São João del-Rei — o retábulo-mor tem a autoria de Luiz Pinheiro documentalmente comprovada — apresentam significativas semelhanças com a imagem do Cristo, de Mariana, e, como anteriormente indicado, pelo fato de que, a partir da segunda metade do século XVIII, o artista contratado para a execução dos retábulos principais dos monumentos religiosos na capitania das Minas era, geralmente, também o responsável pela confecção da imagem que iria ocupar o seu nicho central. O Cristo seráfico do retábulo-mor de São Francisco, em São João del-Rei, por exemplo, apesar dos atributos, diríamos, mais clássicos, apresenta composição similar ao do Senhor Bom Jesus do Matozinhos, do Santuário de mesmo nome no distrito de Bacalhau.

A constante presença da família Meireles Pinto na região do Vale do Piranga, comprovada por documentos de 1780 até a segunda década do século XIX (José de Meireles Pinto faleceu em 1808), fortalece a tese de que eles foram responsáveis pelo surgimento e continuidade daquela oficina em parceria com o escultor Luiz Pinheiro que, advindo da equipe de Aleijadinho, tinha pleno conhecimento de anatomia, ao passo que a família Meireles Pinto, sem maiores domínios técnicos nas resoluções faciais, imputava às suas imagens expressões mais ingênuas e caricaturais. Sob essa ótica, é possível supor que as imagens “Mestre de Piranga” com maior refinamento em suas fisionomias tiveram a efetiva participação de Pinheiro, enquanto as esculturas com semblantes mais singelos — em alguns casos até mesmo mais rudimentares — tenham sido executadas ou por José de Meireles Pinto, juntamente com seu filho em um primeiro momento, ou somente por Antônio de Meireles Pinto, a partir de 1808, ou até por outros discípulos, como pode ser o caso de Vicente Fernandes Pinto, entalhador, de cor parda, nascido em 1782 e que, na primeira década do século XIX, continuou executando variados trabalhos no Santuário de Bom Jesus do Matozinhos, em Santo Antônio do Pirapetinga.

Parafrazeando Guimarães Rosa, “Minas são muitas”, pode-se afirmar categoricamente que “Mestres Piranga são vários”.

*** Pesquisador e restaurador de obras de arte, sócio diretor do Grupo Oficina de Restau**

****Colecionadora de obras de arte, e presidente do Instituto Cultural Flávio Gutierrez**

O discurso de Péricles

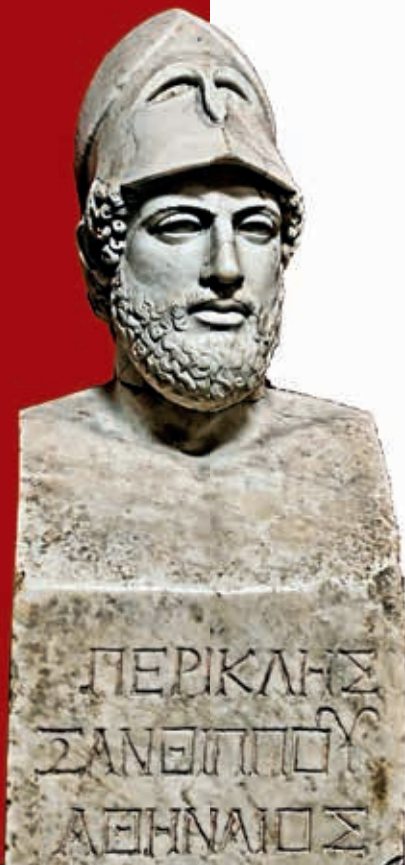
Bruno Terra Dias*

O discurso político pode ser sublime, levando multidões à crença e à prática das mais elevadas realizações do espírito humano. Pode, também, ser como Medeia ou Lady Macbeth, capaz de convencer desavisados de que pode reverter o esquiteamento da democracia em regime melhor e rejuvenescido, assim como, em suposto surto sonambúlico, usar a palavra como véu para disfarçar e encobrir traições e terríveis condutas. Não se trata de discurso comum, corriqueiro, mas de um tipo específico, que dá o tom em cada palavra, revela intenções e é capaz de propagar o melhor e o pior da humanidade.

O famoso discurso de Péricles, em 431 a.C., feito aos atenienses após o primeiro ano da Guerra do Peloponeso, chegou até nós pelo registro de Tucídides. Trata-se de pronunciamento público que homenageia os mortos no conflito, embora não seja propriamente fúnebre. É testemunho da cultura cívica de um tempo, escandindo uma ética fundada em democracia, liberdade e igualdade, exemplo deixado na memória dos povos ocidentais para jamais ser esquecido. Não se trata de transcrição literal das palavras de Péricles, que nada deixou escrito, mas do registro feito por historiador contemporâneo dos fatos. É certo que a contemporaneidade do documento não significou escrita em “tempo real”, como hoje acontece com a notícia on line; Tucídides escreveu após a derrota de Atenas, mas nem por isso perde em credibilidade e perenidade.



Imagens: SXC



Diogo Freitas do Amaral faz interessante análise do conteúdo do discurso e do tripé sobre que se estrutura: a democracia como regime, fundada na liberdade do cidadão ateniense e dos cidadãos das demais cidades vizinhas, todos podendo realizar o que bem diz com seus prazeres e necessidades; no amplo debate parlamentar, componente das liberdades, tido como essencial para tomada de boas decisões; e na igualdade, medida pela lei, que a todos submete, e pelo mérito de cada um, no preenchimento de cargos públicos e privados. Pode parecer demasiado atual e, por isso, suspeito, um discurso proferido há quase 2.450 anos com esse conteúdo, mas sua perenização em escrito de época não permite acusação de fraude àqueles que ao mister de interpretá-lo se aplicam na atualidade.

A parte III do discurso, em tradução de Antonio Arbeav, merece transcrição: Disfrutamos de un régimen político que no imita las leyes de los vecinos; más que imitadores de otros, en efecto, nosotros mismos servimos de modelo para algunos. En cuanto al nombre, puesto que la administración se ejerce en favor de la mayoría, y no de unos pocos, a este régimen se lo ha llamado democracia; respecto a las leyes, todos gozan de iguales derechos en la defensa de sus intereses particulares; en lo relativo a los honores, cualquiera que se distinga en algún aspecto puede acceder a los cargos públicos, pues se lo elige más por sus méritos que por su categoría social; y tampoco al que es pobre, por su parte, su oscura posición le impide prestar sus servicios a la patria, si es que tiene la posibilidad de hacerlo.

Tenemos por norma respetar la libertad, tanto en los asuntos públicos como en las rivalidades diarias de unos con otros, sin enojarnos com nuestro vecino cuando él actúa espontáneamente, ni exteriorizar nuestra molestia, pues ésta, aunque inocua, es ingrata de presenciar. Si bien en los asuntos privados somos indulgentes, en los públicos, en cambio, ante todo por un respetuoso temor, jamás obramos ilegalmente, sino que obedecemos a quienes les toca el turno de mandar, y acatamos las leyes, en particular las dictadas en favor de los que son víctimas de una injusticia, y las que, aunque no estén escritas, todos consideran vergonzoso infringir.

Mesmo os cientistas políticos mais em voga teriam dificuldades de fazer melhor. Nenhum governante das mais tradicionais democracias se arriscaria, como Péricles, em 15 anos consecutivos, a submeter-se ao sufrágio de seu povo para renovação da legitimidade na investidura. Entrou para a história sem escândalo.

Santos Dumont Terra do Pai da Aviação, do queijo do reino e da cultura

Manoel Hygino dos Santos*

Fotografia: Léo Chaves

Réplica do 14 Bis no Museu de Cabangu

Nos sopés da Serra da Mantiqueira, Santos Dumont se orgulha do filho mais ilustre - que dá nome à cidade - o inventor, nascido em 20 de julho de 1873, no Distrito de João Gomes, mais tarde Palmyra e depois Santos Dumont, por decreto de 1932. Localizado na Zona da Mata Mineira - às margens da BR-040 - o município também é reconhecido como berço da indústria laticinista do Brasil e pela produção do queijo Palmyra, tipo Reino, que começou a ser produzido por volta de 1888, por queijeiros holandeses da 'Cia de Laticínios da Mantiqueira' - a primeira indústria de laticínios da América do Sul.

Em 2016, os sandumonenses comemoram dois fatos importantes: os 110 anos do voo histórico do aparelho 'mais pesado que o ar' - o famoso 14 Bis - em 23 de outubro de 1906, no campo de Bagatelle, em Paris; e os 128 anos do início da produção do queijo tipo Reino, de importância histórica fundamental para o desenvolvimento econômico da cidade que crescia à beira do Caminho Novo - trajeto alternativo projetado, em 1700, pela Coroa Portuguesa para transportar com mais rapidez e segurança os metais preciosos extraídos de Minas Gerais para o Rio de Janeiro.

Com cerca de 45 mil habitantes, a economia local se deve em grande parte à criação pecuária leiteira, à produção industrial diversificada e ao comércio. A história da cidade está ligada a Alberto Santos Dumont e aos imigrantes, em especial libaneses, portugueses, holandeses e italianos, que chegaram à região no século XIX.

No livro 'Uma cidade à beira do Caminho Novo' (publicado em 1988), o historiador Oswaldo Henrique Castello Branco (1906 - 1998) destacou a importância da construção do ramal da Estrada de Ferro Dom Pedro II para o desenvolvimento econômico, arquitetônico e cultural do município. O transporte ferroviário vivia um momento de grande expansão no País e muitas cidades pelas quais passava a estrada de ferro receberam melhorias de infraestrutura, como fornecimento de água, construção de ruas e iluminação pública. Com essas benfeitorias, Palmyra se tornou palco de empreendimentos pioneiros, no final do século XIX e início do XX.



Casa Natal de Santos Dumont



Busto de Alberto no Museu de Cabangu



Instalações da antiga Fábrica de Coalho Frísia

Henrique Dumont, pai de Alberto - engenheiro responsável pela construção do trecho da ferrovia que passava pela Mantiqueira - chegou a Palmyra com sua família, em 1870. Para acomodá-los, escolheu uma casa de palafita, próxima ao canteiro de obras. Nesta casa, nasceu o inventor. A família permaneceu ali por 6 anos, até mudar para Ribeirão Preto.

Já famoso por dar 'asas ao homem' e por todas as vitórias alcançadas na França, o inventor retornou diversas vezes a Palmyra para visitar a casa em que nasceu - ganhada do governo da República em 1918. Lá, Alberto se dedicou à atividade de fazendeiro - fato pouco conhecido hoje. Entre 1919 e 1925, ele se devotou à pecuária leiteira, na chamada 'Fazenda de Cabangu', na qual criava touros importados, gado holandês e um cachorro de estimação. O leite ali produzido era comercializado para os primeiros laticínios de Minas.

Para eternizar a história de seu filho mais ilustre, transformou-se a 'Fazenda de Cabangu' em 'Museu da Casa Natal de Santos Dumont', com inauguração oficial em 20 de julho de 1973, centenário de nascimento do 'Pai da Aviação'. No entanto, o sonho de criá-lo tivera início em 23 de julho de 1932, data da morte do inventor. O seu idealizador - Oswaldo Henrique Castello Branco - na época secretário do prefeito, participou ativamente do processo realizado em tempo recorde (uma semana) para mudança do nome de Palmyra para Santos Dumont.

Oswaldo também recebeu autorização para visitar a 'Fazenda de Cabangu', ver o estado da casa e recolher fotografias, objetos de uso pessoal, cartas e registros dos experimentos de aviação e dos inventos de Alberto, além de dois bustos - um de gesso e outro em bronze. Com esse farto material, foi possível realizar o sonho de organizar um museu. Outro passo importante foi a instituição, em 1949, da Fundação Casa de Cabangu - sociedade civil, sem fins lucrativos criada para promover a proteção da casa onde nasceu o inventor e fazer dela foco de formação e de irradiação da consciência aeronáutica brasileira. A valorosa contribuição dos familiares de Alberto Santos Dumont com a doação de objetos pessoais colaborou para enriquecer o acervo museológico.

Com um parque de 365 mil metros quadrados, o museu fica a 16 quilômetros do centro da cidade com acesso pela BR-499, rodovia federal construída especificamente para levar o visitante até a entrada do parque. O local é aberto à visita de segunda a segunda, das 8h às 17h. A entrada é gratuita nos dias de semana, mas aos sábados, domingos e feriados é cobrada taxa de R\$ 2.

A administração do museu é feita pela Fundação Casa de Cabangu - em parceria com a Aeronáutica e a Prefeitura Municipal. Atualmente, passa por sérias dificuldades financeiras e estruturais, obrigando, inclusive, o fechamento dos 3 pavilhões de madeira erguidos em 1972. A visita está liberada na casa e na sede ad-



Panorâmica da cidade

ministrativa, permitindo que se conheçam os inventos, traços da personalidade do aviator, detalhes de sua experiência como pecuarista e curiosidades sobre o seu gosto sofisticado e espírito criativo.

De acordo com o presidente da Fundação Casa de Cabangu, Tomás Castello Branco (filho de Oswaldo), o museu está em funcionamento há 43 anos devido ao idealismo, o amor à causa e a disposição para o trabalho e para a luta de seu pai: “Cabangu é hoje uma maravilhosa realidade - principal ponto turístico de nossa cidade - ao qual está reservado um futuro de grandes realizações, proporcionando alegrias e felicidades ao nosso povo. Restam outras tantas lutas a serem travadas, como a guarda, manutenção, ampliação e divulgação dos feitos, da vida e obra de nosso gênio. Este tem sido o grande desafio a ser vencido pelos atuais membros da Fundação Casa de Cabangu, já sem a presença de seu idealizador - que partiu para outra dimensão da vida - mas presente em nossos corações e mentes, como exemplo de dignidade, perseverança, dedicação e luta”.

Sobre as dificuldades financeiras e estruturais atuais, Tomás Castello Branco explica: “apesar de todos os percalços eu, minha irmã Mônica - diretora do museu - e os demais membros da Fundação lutamos para manter o local em funcionamento. Defendemos também a necessidade de uma administração profissional, com a presença de funcionários formados em museologia e bi-

bloteconomia. Essa equipe poderá tornar o museu mais atrativo, propondo mudanças e exposições itinerantes para que cada vez que o visitante chegue ao museu veja novidades. Alberto Santos Dumont deixou um legado e precisamos mantê-lo em exposição”.

Os sandumonenses mantêm a memória do ‘Pai da Aviação’ no seu dia a dia. No centro da cidade, há uma estátua do inventor sentado num banco da Praça Cesário Alvim e uma réplica da Torre Eiffel com o balão número 6. Já no trevo sul, há uma réplica do 14 Bis em tamanho real. Os inventos de Alberto foram utilizados também como nome de escolas, hotéis e restaurantes do município.

TERRA DO QUEIJO

No decreto municipal nº 2.869, de 3 de novembro de 2015, o queijo do Reino - primeiro produto lácteo industrializado do País - foi declarado Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial. O decreto protege o modo de fazer tradicional do produto criado na ‘Cia de Laticínios da Mantiqueira’, em Palmyra. Considerada uma adaptação do queijo holandês Edam, essa iguaria típica revela qualidade superior à do original holandês e, por isso, teve sucesso imediato. Nos seus primeiros anos de produção, era inacessível à maior parte da população, consumido apenas por imigrantes do Reino de Portugal e, assim, ficou conhecido como ‘Queijo do Reino’.

Fotografia: Yuri Deslandes



2º Festival Cultural de Inverno de Santos Dumont



Chorinho - Weitzel's Photography

Fotografia: Yuri Deslandes



Espectáculo teatral Ensaio sobre o Amor

O município de Palmyra abrigou também a 'Fábrica de Coalho Frísia' (a primeira do Brasil e da América do Sul) - outro marco da indústria laticinista brasileira. Até 1923, o coalho (coagulante) utilizado na produção de queijos era todo importado. O holandês Johannes (João) Kingma desenvolveu a fórmula definitiva da fabricação do produto, utilizando como matéria-prima principal uma enzima retirada do estômago de bezerros e fundou a primeira fábrica. O coalho no Brasil causou uma verdadeira revolução no setor de laticínios brasileiro.

O administrador de empresas, escritor e historiador, Victor Kingman, lembra que no início do século XX a indústria laticinista brasileira vivia grande expansão e Palmyra era conhecida por produzir os melhores queijos do Brasil: "tradicionais indústrias de laticínios surgiram na cidade, como a 'Alberto Boeke, Jong e Companhia', em 1907, e a 'Ribeiro Fonseca Laticínios S.A', em 1926, e se tornaram duas gigantes no setor. Durante quase um século, o setor laticinista teve papel fundamental na movimentação da economia da região, sendo um dos maiores empregadores, nas suas diversas unidades produtivas. Os produtos fabricados no município eram requisitados e vendidos em todo o País e até exportados".

'Palmyra' e 'Borboleta' - as marcas comerciais mais famosas do queijo do Reino - mantêm as características notáveis do produto, considerado um dos melhores queijos nacionais. A tradicional embalagem de lata ajuda no processo de maturação e protege o queijo. Já a casca vermelha e o seu tempo de maturação - no mínimo de 3 meses - são fatores decisivos para o sabor peculiar e o cheiro aromático do produto.

Para Victor Kingman, a vocação laticinista da cidade continua: "muitos estudiosos acreditam que o incentivo à retomada da produção em escala industrial, principalmente do queijo do reino, aproveitando a tradição e experiência secular, seria fundamental para alavancar a economia da cidade".

TERRA DA CULTURA

A Prefeitura de Santos Dumont e a população sandumonense contam com a valorosa contribuição da 'Ação em Movimentos Artísticos de Santos Dumont' (AMA-SD) para promover a arte e a cultura. O movimento iniciou-se em fevereiro de 2012, com o projeto cultural 'Feira com Choro' - fomentando a cultura local e divulgando os artistas da 'Terra do Pai da Aviação' e região. Dessa iniciativa resultaram outros 6 projetos 'Degusta Dumont', 'Doses de Cultura e Arte', 'LeiturAMA-SD', 'Ensaio Aberto', 'TeatrAMA-SD' e 'Mostra de Cinema' - dando um salto de qualidade nas iniciativas culturais da cidade.

Segundo o presidente/fundador da AMA-SD, fundador da 'Abaquar Cult' e músico, Tiago Guimarães, os projetos valorizam a arte e a cultura

local e regional: “atualmente, os 7 projetos encontram-se em plena efervescência de público. Agentes culturais, atores, artistas e pessoas comuns se envolvem com as tradições da gastronomia local, com a dança, a literatura, a música, a arte da palhaçaria, o teatro e o cinema, discutindo ativamente as políticas públicas culturais da cidade e região, construindo alternativas possíveis de acesso gratuito a todos os sandumonenses e produzindo arte de qualidade”.

O ‘Festival Cultural de Inverno de Santos Dumont’ - realizado pela Agência de Desenvolvimento Cultural, Ambiental e Socioeconômico de Santos Dumont e Microrregião (ADESAN) em parceria com a AMA-SD - reúne os principais projetos da associação (Degusta Dumont e Mostra de Cinema), aliados com oficinas, workshops e shows. Na edição deste ano - promovida entre 27 e 31 de

julho - com o tema ‘Em pleno voo’, objetivou motivar os artistas e mobilizar a população. Com pura efervescência nos espaços públicos da cidade, o Festival ampliou suas atrações, com cerca de 70 atividades culturais.

Outra iniciativa pioneira desenvolvida pela AMA-SD, em 2012, foi o lançamento da revista ‘Abaquar Cult’ - criada para revelar, incentivar e consagrar a cultura sandumonense, destacando a riqueza histórica, cultural e artística do município. A palavra ‘Abaquar’ - da língua tupi-guarani - significa homem que voa. Devido à repercussão da publicação, a ‘Abaquar Cult’ se tornou uma empresa de comunicação cultural - com uma Web TV que faz a cobertura dos principais eventos culturais e uma produtora de clipes musicais e documentários.

Fotografias: Arquivo Tomás Castello Branco



Réplica Torre Eiffel



Palmyra

Quem foi Peter W. Lund?



Fotografias: SXC

Peter W. Lund nasceu em Copenhague em 1801, quarto de cinco irmãos, filho do comerciante de lã Henrik Lund e da dona de casa Marina Lohbeck. Em 1818 ingressou na Universidade para estudar medicina e ciências naturais. Foi esta a especialidade à qual acabou por dedicar-se preferencialmente. Lund finalizou seus estudos com excelente aproveitamento: seu trabalho final do curso de medicina foi adotado como livro de texto em numerosas universidades europeias.

A América do Sul, na primeira metade do Século XIX, tornara-se centro de atração para naturalistas. A. von Humboldt, o príncipe Maximilian von Wied-Neuwied, Carl F. von Martius e Hohan B. von Spix foram famosos pesquisadores pioneiros. Obtida uma bolsa, Lund escolheu esse destino partindo para o Brasil em 1825 onde, até 1829, realizou, nos arredores do Rio de Janeiro e na região Serrana da então Província, estudos e coletas botânicas e zoológicas. Regressando à Europa lá permaneceu até finais de 1832. O tempo foi empregado na obtenção do título de Doutor na Universidade alemã de Kiel e em estudos ocorridos em diversas cidades: Berlim, Viena, Roma, Genebra e Paris onde se aproximou do excepcional George Cuvier, considerado fundador da ciência paleontológica. Mesmo recebendo insistentes convites de Universidades para estabelecer-se na Europa decidiu regressar ao Brasil, aonde chegou em Janeiro de 1833. Aqui permaneceu até sua morte em Junho de 1880. Um ano antes do regresso definitivo ao Brasil, C. Darwin deteve-se em Fernando de Noronha, Salvador, Abrolhos e no Rio de Janeiro, onde permaneceu, aproximadamente, por três meses. Chegou, até, a fazer uma viagem a cavalo a Cabo Frio, detendo-se em algumas cidades, como Maricá,

Squarema, Macaé, Rio Bonito e Itaboraí.

Os primeiros trabalhos de Lund voltaram-se para a Botânica nos arredores da Capital do Império. Juntamente com o botânico alemão Luiz Riedel organizou uma grande expedição para coleta e estudos botânicos que abrangeria as “províncias” do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Goiás. Em Paracatu, Minas Gerais, a expedição, que se deslocava em lombo de tropa de burros, foi interrompida devido a doença que atingiu Riedel.

Na cidade de Santo Antônio de Curvelo, ocorreu o encontro fortuito com o dinamarquês Peter Claussen, dono de pequena fazenda. Ele extraía salitre e ossadas fósseis do interior de numerosas grutas do entorno, que por ele eram vendidas a diversos Museus da Europa.

Lund prosseguiu viagem até Ouro Preto onde permaneceu até a cura de Riedel que prosseguiu viagem, pela Estrada Real, até o Rio de Janeiro. Lund regressou a Curvelo detendo-se, como ocorrera na ida, no pequeno arraial de Nossa Senhora da Saúde de Lagoa Santa. A partir de Curvelo deslocou-se até a Gruta de Maquine havia pouco descoberta. Nesse marco, que para Lund foi deslumbrante, realizou sua primeira escavação e descoberta de um animal extinto, a pequena preguiça *Nothrotherium maquinense*. Iniciava-se um trabalho pioneiro e excepcional que ficou registrado nos vinte longos trabalhos por ele publicados. O primeiro deles dedicado a descrever Maquine e os achados que nela fizera.

E em mudança radical de vida escolheu a pequena Lagoa Santa, estrategicamente localizada, próxima do Rio das Velhas que serpenteia por região onde se localiza grande quantidade de grutas: “lugar bom para se viver”, como a definiu.

Em 1.749 fora publicado em Lisboa o opúsculo: “Prodigiosa lagoa descoberta em Congonhas das Minas de Sabará que tem curado a varias pessoas dos achaques que nesta relação se expõem”. A lagoa tornou-se centro de “curas milagrosas” e, em consequência, foi erigida a Igreja de Nossa Senhora da Saúde que deu sua denominação ao arraial que pertencia à Vila de Sabará.

Quatro anos antes de Lund fixar residência no arraial, a mando do Presidente da Província, foi feita a “Relação de habitantes do Districto da Parochia de Nossa Senhora da Saúde de Lagoa Santa”. No vilarejo, em 268 moradias habitavam 1.824 pessoas. Destas, 632 eram menores de 16 anos.

Inicialmente Lund alugou uma casa que descreveu como “uma cabana de barro inacabada”, adquirindo, dois anos depois, uma casa na qual morou até falecer em 1880. Em seu testamento doou esta casa para que fosse usada como escola.

Na Relação constam os nomes, ocupações e outros dados chocantes. Das 632 crianças menores de 16 anos, frequentavam a Escola oito meninos entre 8 e 13 anos. Nenhuma menina. Na população havia 346 brancos, 656 pardos livres, 59 pardos captivos, 190 crioulos livres, 338 crioulos captivos, 25 pretos livres e 210 pretos captivos. Livres: 1.217. Captivos: 607, crianças incluídas. Nesta citação foi conservada a grafia original.

Nesse marco desenvolveu durante dez anos suas pesquisas em centenas de grutas. Nelas, o trabalho, para o qual contratava moradores do arraial, ocorria na época da seca. A preparação e o estudo resultante das coletas eram efetuados na época das chuvas quando muitas das grutas eram invadidas pela água. No seu trabalho ocorreu uma interrupção: a revolta de 1840 contra o governo central. O exército, sob o comando do Duque de Caxias, invadiu o vilarejo e derrotou os rebeldes que nele se refugiaram. Lund, escreveu: “... o paraíso terrestre... tornou-se palco de cenas que me encheram de repulsa e pavor... Ninguém em casa veio a ferir-se, apesar das balas... que assobiavam em todas as direções”. Lund, com sua maleta de médico cuidou de soldados feridos.

Em 1846, abandonou suas pesquisas e enviou à Dinamarca, com as devidas licenças legais, seus achados dedicando-se, a partir de então, ao que ele definiu como “doce ócio do campo”. Integrado com a população dava aulas formais e, excelente pianista, também de música. Fundou uma banda que até hoje sobrevive: A banda Santa Cecília. Atendia, também, como médico a população. Na sua morte, em Junho de 1880, a totalidade dos moradores acompanhou até o terreno que adquirira para ser nele enterrado. Era luterano e, na época no cemitério local só os católicos podiam ser sepultados. Foi enterrado ao pé da Cruz que plantara em 1862. O genial Peter Wilhen Lund, o mais brasileiro dos dinamarqueses, preferiu morrer na sua segunda pátria.

De forma esquemática, a continuação, é feito um resumo das grandes contribuições de Lund .

- Nos seus escritos, profeticamente, critica e alerta para costumes negativos como eram as queimadas, os desmatamentos e a caça.
- Pela primeira vez figurou, em 1837, pinturas rupestres.
- Um ano antes fez a mais ampla descrição de uma gruta e, também pela primeira vez, foi publicada a topografia de uma gruta, a de Maquine.
- Em 1838 realizou uma descoberta histórica: fez o primeiro achado de um fóssil de Primata que identifica como *Protopithecus brasiliensis*, que em tradução livre poderia ser denominado: O primeiro macaco que é do Brasil.
- Também pela primeira vez, ao longo de mais de dez anos de publicações, Lund realizou o levantamento continuado da fauna de mamíferos de uma região de maneira exata e minuciosa. Além das listagens realizou coleção de espécimes que ainda se conservam no Museu de Zoologia de Copenhague.
- Ao longo de sua atividade, em região relativamente de área reduzida, identificou 22 novas espécies de mamíferos extintos. Desde Lund até hoje, no amplo território que abrange todo o Brasil intertropical, dezenas de paleontólogos conseguiram identificar 18 novas espécies de mamíferos extintos.

- É admirável que à medida que realizava suas descobertas, avolumava-se seu conhecimento sendo capaz de distinguir os fósseis de animais ainda vivos dos extintos. Supõe um saber, naquela época, quase inacreditável. E ele abrangia, praticamente, todos os grupos de mamíferos.

- As descobertas de fósseis humanos, na Europa, eram mínimas. Lund deu a conhecer, o primeiro na América, o homem fóssil (Homem de Lagoa Santa). Chegou, inclusive, a propor que os fósseis pertenciam, como hoje está comprovado, a formas diferentes dos atuais indígenas.

- Demonstrando um domínio excepcional da Zoologia determinou onze espécies de mamíferos vivos

- Pode ser considerado o “pai” da arqueologia, espeleologia e paleontologia americanas.

- Orientou dois alunos da Dinamarca que, em La-

goa Santa, desenvolveram um trabalho ímpar. Eugene Warming fez coletas botânicas que o levaram a ser o fundador da ecologia vegetal. Um outro aluno, Reinhardt, realizou o levantamento muito completo da população piscívora do Rio das Velhas.

- Suas descobertas na Gruta do Sumidouro causaram, na minha opinião, a maior contribuição científica de Lund. Ao descobrir o homem, espécies atuais e extintas fossilizadas no mesmo horizonte temporal derrubou a teoria catastrofista de Cuvier, então reinante na panorâmica biológica.

Acredito que este conjunto faz de Peter W. Lund um dos gigantes da biologia na primeira metade do Século XIX. Dos poucos citados por Darwin na sua célebre “A origem das espécies”.





Ouro Preto tem muitas coisas mágicas, mas sem dúvida, o Zé Pereira ocupa um lugar especial em nossos corações. Escutar o Bum Bum Bum ao longe, significa que chegou o ano novo e o carnaval está perto.

O Zé Pereira é uma tradição em algumas aldeias portuguesas, cada qual tem seu ritmo. Entrou no Brasil com os imigrantes portugueses, provavelmente, na antiga capital, Rio de Janeiro. Seu ritmo pode ser ouvido, também na Índia, país onde os europeus muito aprenderam.

Diz a lenda que um português, José Nogueira Paredes chegou ao Rio de Janeiro em 1846 e participou dos festejos carnavalescos com um bloco. Transferindo-se para a capital de Minas, Ouro Preto, em 1876, foi trabalhar no Palácio dos Governadores, quando criou o bloco dos funcionários. Então, criticando com ironia, chamou o grupo de Zé Pereira dos Lacaiois, esta palavra significa funcionário puxa saco. Assim, do Império para a República, o Clube dos Lacaiois sempre esteve presente nos carnavais, com poucas exceções: na primeira e segunda Guerras Mundiais.

O grupo carnavalesco é formado por caixas de guerra, taroles, bumbos grandes, bumbos pequenos chamados surdos, clarins que anunciam o início da execução e que tocam durante o percurso, criando uma música especial. Colorindo o ambiente, lindas lanternas com luzes de velas, azuis, verdes, amarelas e vermelhas. À frente do bloco, o estandarte com o nome: " Clube dos La-

Zé Pereira dos Lacaiois 150 anos

José Efigênio Pinto Coelho*



Ilustrações: José Efigênio Pinto Coelho





caios”, sempre carregado por um bom dançarino. No meu tempo de criança, era o Tuniquinho do Zé Pereira, ele era pequeno e dançava muito bem, valorizando o estandarte. Também no meu tempo de criança, saiam cavalos à frente com os corneteiros.

Em destaque o casal de bonecos, o Catitão e a Baiana, também o Catitão menor e o Boi da Manta. O Catitão vem vestido de cartola e fraque, conforme a moda dos funcionários do Palácio dos Governadores no tempo da Monarquia. Correndo atrás das crianças os cariás, capetas com lanças com ponta de ferro, que ao raspar nas pedras da rua, produzem fagulhas de raios. Lembro muito do cariá Nicodemos, ele dançava de um jeito especial e dentro do ritmo do Zé Pereira.

Escutar o som do Zé Pereira dos lacaios é como um renovar de alma e ao mesmo tempo um acontecimento como uma resistência cultural, dando um conforto ao anunciar o ano novo e ao mesmo tempo o carnaval. O Zé Pereira dos Lacaios sempre saiu na noite de 31 de dezembro.

O Clube dos Lacaios tem sede no bairro do Antônio Dias, é de lá que ele sai em direção a Praça Tiradentes. Quando ele desce a rua direita, o som invade as casas do lado do Pilar e as famílias se organizam para receber o bloco. A Rua do São José fica cheia de gente nos passeios e nas sacadas dos sobrados, atirando confetes e serpentinas. Os bonecos gigantes chegam as cabeças nas varandas e cumprimentam os moradores.

Ao entrar em frente a Casa dos Contos, o som ecoa e multiplica, a rua fica cheia e a magia toma conta do carnaval. O Zé Pereira agrada crianças, jovens, adultos e idosos. Conforta carinhosamente a cidade, enchendo os corações de alegria.

A primeira vez que saiu foi em 1876, sempre com o apoio das famílias ouro-pretanas, atualmente, o Presidente Salvador Gentil, responde por herança do seu pai, Seu Dodô, funcionário do Palácio ocupado pela Escola de Minas, também, seu avô saía no Clube. Tem na família, a folclorista Deolinda Alice dos Santos, filha do Seu Dodo, portanto, uma tradição familiar responsável pela manutenção dos Lacaios.

Em primeiro de janeiro de 2017, O Clube dos Lacaios, completa 150 anos. Como sempre, todos pensam que ele não vai sair, mas quando menos se espera, o som: Bum Bum Bum invade a cidade. Parabéns e obrigado por existir.

***Artista plástico e historiador**



Nevestones

MINING, TRADING AND EXPORTATION
OF COLORED STONES AND SPECIMENS

QUALIDADE
COM **ÉTICA** E
RESPONSABILIDADE
SOCIOAMBIENTAL

Rua Afonso Pena, 2823 - Centro - Governador Valadares - MG - CEP 35010-001
Telefone: +55(33) 3271-6640 | E-mail: contato@nevestones.com.br | site: nevestones.com.br



memoriacult.com

A sua revista de cultura agora na internet.
Veja artigos veiculados nas edições impressas
em atualizações constantes.

Curta nossa página

facebook.com/MemoriaCult



Mais informações: memoriacult@gmail.com